

## Pierre Verger: de Fotojornalista a Etnógrafo<sup>1</sup>

Erika Molina SILVA<sup>2</sup>  
Luciana Leme Souza e SILVA<sup>3</sup>  
Centro Universitário de Rio Preto

### RESUMO

Este trabalho se propõe a traçar o panorama da obra de Pierre Verger, francês radicado no Brasil. Iniciando a carreira como fotojornalista, ele registra povos e culturas diversos, e, anos depois, estabelece-se no Brasil, onde começa a se dedicar ao estudo da história e da cultura negras e do candomblé – sendo, inclusive, iniciado nos rituais. A vida pessoal e a vida profissional de Verger denotam uma relação simbiótica, e ele passa de estritamente fotojornalista para etnógrafo - usando a fotografia como suporte -, com diversas contribuições aos estudos da história afrobrasileira, sendo considerado “mensageiro de dois mundos”, Brasil e África.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Fotografia; Etnografia; negros; Pierre Verger.

Este trabalho se propõe a apresentar um breve panorama sobre a vida e a obra de Pierre Verger, fotógrafo francês do séc. XX, radicado no Brasil.



**Figura 1:** Pierre Verger, autorretrato, 1952  
**Fonte:** Andrade, 2002, p.75

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º semestre do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Rio Preto – Unirp, e-mail: [jordance@gmail.com](mailto:jordance@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho, coordenadora e professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Rio Preto - UNIRP, e-mail: [luciana@unirp.edu.br](mailto:luciana@unirp.edu.br)

Crescido na capital francesa, numa vida confortável, Verger se viu, em 1932, aos trinta anos de idade, sem pais, nem irmãos, ou seja, sem nenhum parente próximo vivo. Diante desse contexto, o francês decidiu percorrer vários países para fotografar os povos e os costumes locais. Até então, ele já havia demonstrado interesse pela cultura dos negros das Antilhas, na América Central, quando frequentava bailes de imigrantes pobres.

Entre 1932 e 1946, munido apenas de uma *Rolleiflex* e de uma lente, Pierre Verger viajou por diversos lugares do mundo: Taiti, Estados Unidos, Japão, Itália, Espanha, África, Guatemala, Equador, Senegal, Guiné-Bissau, Argentina, Peru, Bolívia e Brasil.

O material produzido por ele – fotografias e, eventualmente, reportagens – era publicado por veículos de grande prestígio daquela época, como as revistas *Life* e *Paris Match* e o jornal *Daily Mirror*. É interessante notar que incursões desse porte para fazer fotojornalismo eram raras até então, mesmo para os padrões franceses. Verger também teve participação ativa na agência de fotos francesa *Alliance-Photo*, juntamente com outros fotógrafos como Pierre Boucher e Émeric Feger. Sobre os anos 30 e 40 na fotografia, afirma Andrade (2002, p.13):

Pierre Verger tem participação ativa como fotógrafo na Europa em 1930; época em que a fotografia estava em plena euforia criativa e uma geração de novos fotógrafos preocupava-se em registrar e documentar a vida social e cultural do mundo. Surgem nomes como Pierre Verger, Pierre Boucher, Denise Bellon que em Paris criaram a agência de fotos Alliance Photo (1934-1940), intensificando o movimento de fotógrafos como Robert Frank, Robert Capa, David Seymour, Henri Cartier-Bresson, que mais tarde criaram a Magnum Photos (1947). Esses fotógrafos tinham interesses e preocupações jornalísticas documentais, com particular atenção para a forma de vida das pessoas, seus olhares, seus costumes, seus cultos, seus mitos, etc. Henri Cartier-Bresson, por exemplo, pesquisou e investigou vários países, como fez Verger. Ambos buscavam um sentido investigativo e social nas fotografias, uma nova forma de ver o mundo, uma observação que os fizesse sentir participantes do mundo.

O interesse pelo cotidiano e pela cultura das pessoas já se nota na que é considerada primeira fase de Verger, de 1932 a 1946. Também se observa que o olhar dele já tinha se voltado para a cultura negra, tanto de tribos africanas, quanto de habitantes do meio urbano.



**Figura 2: Oceano Pacífico, 1934**

**Fonte: Rolim, 2002**



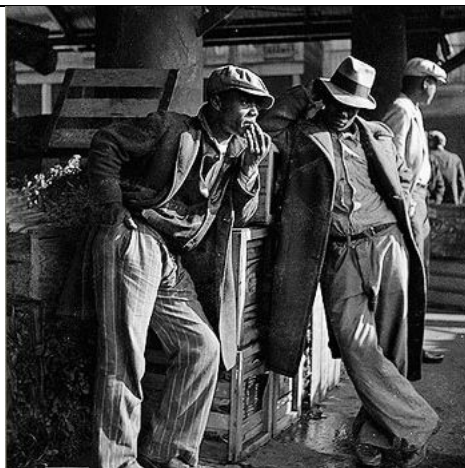
**Figura 3: Mauritânia, 1933**

**Fonte: Lühning, 2004**



**Figura 4: Polinésia Francesa, 1933**

**Fonte: Rolim, 2002**



**Figura 5:** Nova Orleans  
**Fonte:** Verger, [S.d.]a

Pierre Verger tinha declarada preferência por fotos em preto e branco, usava *flash* e investia nos contrastes. Aponta-se similaridade entre suas fotografias e as de Henri Cartier-Bresson. Pierre não dispunha de grandes aparatos além de sua *Rolleiflex* e de sua lente, mas sempre buscava montar laboratórios improvisados onde estivesse. No final do ano de 1935, Verger, pela primeira vez, parte para a África negra, onde permanece por cinco meses em 1936, explorando o continente africano de oeste a leste. Lá, ele entra em contato com a cultura iorubá, no Benin e na Nigéria. Seu interesse é tanto que ele viria a tornar-se pesquisador e etnógrafo em função desse recorte cultural.



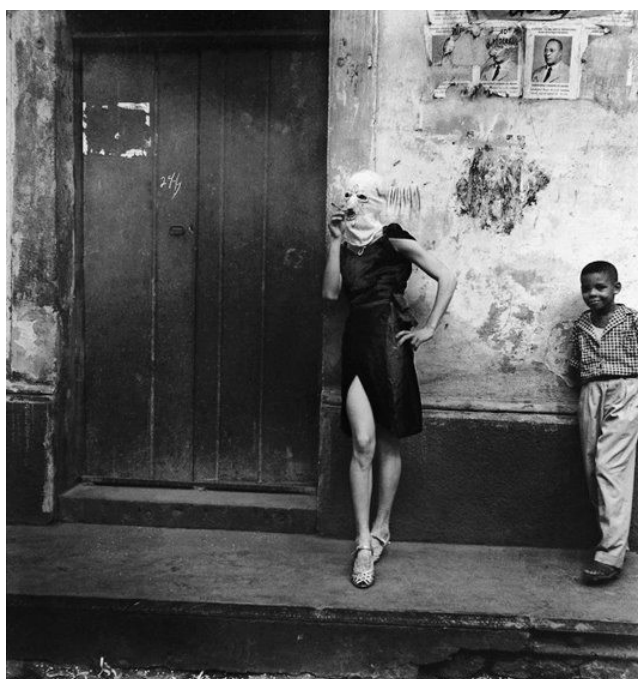
**Figura 6:** Daomé, 1935  
**Fonte:** Dorea, 2009, p.179

Em 1946, Verger desembarca em Salvador, Bahia, outro evento que seria um marco em sua vida e em sua obra, pois ele passará a se dedicar não apenas à fotografia em si, mas, principalmente, aos estudos da história e da cultura afro-brasileira. Sobre o período, Lühning (2004, p.13) atesta:

Verger, nessa época, já tinha 44 anos e começava uma nova etapa de sua vida profissional. Acreditamos que essa sua atuação profissional no Brasil tenha acentuado ainda mais uma busca por uma compreensão complexa que já estava se delineando há algum tempo: ele não somente fotografava, mas percebia o mundo ao seu redor de uma forma múltipla em imagem, sentimento e palavra. Aos poucos, desenvolvia-se a sua atuação de pesquisador e escritor, ainda pouco compreendida naquela época.

Aqui, ele se sente livre, confortável e acolhido por uma gente que ele considerava bastante simpática e calorosa, características a que ele atribui a influência do candomblé. Nos anos 40 e 50, a capital baiana era tida como um ambiente boêmio e pitoresco, bastante diferente da Europa do pós-guerra.

No Brasil, Verger retrata, principalmente, o povo baiano, seus costumes, seus hábitos, seu dia a dia, seus momentos. O fotógrafo se apaixona pela cultura local e decide se estabelecer em Salvador, onde convive com várias personalidades da época, como Jorge Amado, e passa a ter contato com o candomblé baiano e suas autoridades religiosas.



**Figura 7:** Carnaval de Salvador

**Fonte:** Verger, [S.d.]b





**Figura 8:** Feira de Santana  
**Fonte:** Verger, [S.d]c



**Figura 9:** Capoeira, Salvador  
**Fonte:** Verger, [S.d]d

O interesse pela religião faz com que Pierre Verger se inicie nos rituais. O relacionamento do francês com Mãe Senhora, uma das mais importantes mães-de-santo da Bahia, abriu caminho para que o fotógrafo fosse recebido por líderes religiosos africanos, a fim de estudar a cultura, a história e a religião iorubás.

Assim, ainda que estabelecido em Salvador, Verger volta a fazer constantes viagens à África Ocidental para proceder às suas pesquisas da cultura e da religião negras. Para financiar essas incursões, ele teve contrato com a revista brasileira *O Cruzeiro* – já celebrado antes de sua chegada a Salvador - e também contou com o apoio do Instituto Francês da África do Norte (IFAN).

É interessante notar que *O Cruzeiro* contratou Verger para fazer diversas fotorreportagens, tanto na África como na América Latina, o que denota um esforço da revista em se equiparar a outras publicações internacionais de renome, como a *Life*, e também parece indicar a demanda do público por esse tipo de trabalho.

Em 1952, no Benin, depois de intensa imersão na cultura iorubá, o francês se torna Pierre Fatumbi Verger e é consagrado babalaô. *Fatumbi* significa *nascido de novo graças ao Ifá*, e *babalaô* quer dizer adivinho. *Ifá*, por sua vez, é um sistema de adivinhação que somente os babalaôs dominam. Dessa forma, bastante integrado no candomblé e portando até títulos importantes, Verger tem acesso a informações que somente alguns dominavam, como os rituais e o uso das plantas. Mais tarde, no Brasil, ele ainda será tido como Pierre Fatumbi Verger Ojuobá, da Casa Branca do Engenho Velho, sendo este último termo referente a algo como *os olhos do rei*.

O então fotógrafo passa a consolidar-se como etnógrafo, ou seja, Fatumbi começa a descrever e a registrar a cultura dos povos, mais do que apenas registrar por meio de imagens. Aqui, Verger já passa a tratar a fotografia não como sua prática principal, mas sim como um dos instrumentos de seu trabalho de pesquisador da história negra. O olhar se direciona à participação, ao entrosamento com o que é fotografado.

De suas experiências no continente africano, Pierre Verger documenta, na forma escrita, o que tinha aprendido e presenciado, usando a fotografia como ilustração. Das várias décadas que passou viajando entre o Brasil e a África, surgiram diversos livros e, claro, diversas imagens, que impulsionaram os estudos sobre outros aspectos da trajetória dos povos africanos, como, por exemplo, o tráfico de escravos.

Na revista *O Cruzeiro*, com textos de Gilberto Freyre, Verger discorre sobre pontos sensíveis da história do Benin e do Brasil: descendentes de traficantes de escravos e descendentes de escravos brasileiros retornados à África. O material foi reunido na série de reportagens *Acontece que são baianos*. Na mesma publicação, como já aludido, também são feitas fotorreportagens sobre outras partes do mundo, como Dacar e Bolívia.

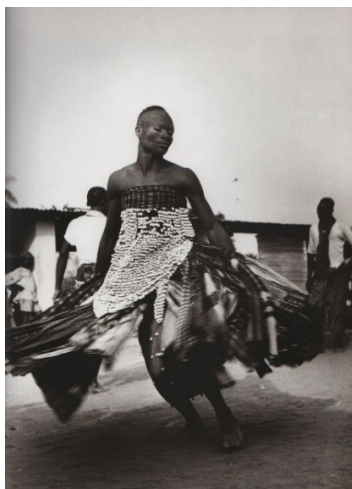
Nas obras *Orixás e Dieux d'Afrique. Culte des Orishas et Vodouns à l'ancienne Côte des Esclaves en Afrique et à Bahia, la Baie de Tous les Saints au Brésil*, Pierre Verger dedica-se aos cultos aos orixás e aos oduns da cultura iorubá. As descrições dos arquétipos dos orixás são minuciosas, referindo rituais, ferramentas, danças.



**Figura 10:** Briki, Ifanhin, Benin  
**Fonte:** Verger, 1958



**Figura 11:** *Candomblé Joãozinho Da Gomea*, Salvador, Brasil, 1946  
**Fonte:** Andrade, 2002, p. 108



**Figura 12:** Ifanhin, Benin, Anos 50, 1973  
**Fonte:** Andrade, 2002, p. 100



*Fluxo e Refluxo* é considerado seu grande livro, tendo sido apresentado como tese de doutorado na Universidade de Sorbonne, em Paris, em 1966. A obra versa sobre o tráfico clandestino de escravos para a Bahia e as similaridades encontradas na África e na Bahia.

O Fatumbi francês via o candomblé como um ponto de resistência à opressão e também de irmandade entre os negros marginalizados, e admirava como a fé estimulava a autoestima e a confiança das pessoas. Também lhe chamavam a atenção os meios que os adeptos da religião utilizam para conservá-la.



**Figura 13:** *Acra*, Ouidah, Benim, Anos 50 / *Acarajé*, Salvador, 1947  
**Fonte:** Verger, [S.d]e



**Figura 14:** Lome, Togo, 1949 / Itapuã, Salvador, Brasil, 1946-1947  
**Fonte:** [S.d]f



Figura 15 - Porto-Novo, Benim, 1948-1949 /Salvador, Brasil, 1947  
Fonte: Verger, [S.d]g

O franco-brasileiro, ainda, dedicou-se aos estudos da etnobotânica, através da descrição de como as plantas eram utilizadas no candomblé. Dessas pesquisas, surgiu o livro *Ewê, o uso das plantas na sociedade yorubá*.

Devido à sua grande contribuição em pesquisar e documentar a história e a cultura dos negros baianos e africanos, da Bahia e do Benin, Pierre Verger é constantemente referido como *mensageiro* ou *mensageiro dos dois mundos*, por focar nas ligações entre o Brasil e a África.

Pierre Fatumbi Verger passou dezessete anos incursionando pela África e cerca de cinquenta estudando a cultura e a história afro-baianas. Verger continuou fotografando, mas sua principal ocupação passou a ser de pesquisador. Suas iniciativas são mantidas através de bolsas de estudos e de parcerias, como professor visitante, em universidades e museus, como na Universidade Federal da Bahia. Ele também estimulou o intercâmbio entre pesquisadores e estudantes brasileiros e africanos.

Concomitantemente, Fatumbi permaneceu envolvido com o candomblé, ainda que se dissesse um cético. Apesar de cumprir os rituais e de ser integrado entre os praticantes do candomblé, Verger dizia que não tinha fé, por conta da sua raiz racionalista francesa. No documentário *Pierre Fatumbi Verger: mensageiro entre dois mundos* (1998), ele faz a seguinte declaração sobre os transe observados nas festividades daquela religião:

Para mim, não são incorporações. Para mim, é uma manifestação da verdadeira natureza da gente. Uma possibilidade de esquecer todas as coisas, que não têm nada que ver com você. Fica uma pessoa como era, antes de aprender essas “estupidezas” de nacionalidade e outros comportamentos

No fim da vida, Pierre Verger tinha a preocupação de organizar sua obra, seus materiais, suas fotografias e seus escritos, para deixar como legado do seu trabalho para as futuras gerações e para que seu acervo não se perdesse. Daí, surgiu a ideia da Fundação Pierre Verger, que tem por objetivo a conservação e a divulgação da obra do fotógrafo, etnógrafo e antropólogo. A instituição é bastante atuante e, inclusive, promove concursos de fotografia, para incentivar novos nomes.

Pierre Fatumbi Verger faleceu em 11 de fevereiro de 1996, em Salvador. Ainda solteiro, sem filhos, adepto do candomblé, e com uma paixão que manteve até seu último dia de vida: a cultura negra e baiana. Ele foi, ainda em vida, homenageado por uma escola de samba do Carnaval carioca, e o documentário *Pierre Fatumbi Verger: mensageiro entre dois mundos* discorre sobre sua vida e obra.

Assim, do quanto apresentado, nota-se uma relação simbiótica entre a vida pessoal e a vida profissional de Pierre Fatumbi Verger. A carreira dele não foi planejada, mas sim impulsionada por eventos familiares e motivações pessoais.

O legado de Verger, ainda, foi além do plano estético, tendo fomentado estudos de culturas diversas, sobretudo a afro-baiana e a iorubá. Se o trabalho de Fatumbi teve início como fotojornalismo, acabou por se tornar uma verdadeira pesquisa e documentação de culturas, utilizando-se a fotografia uma forma de participar e descrevê-las.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, R. de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade, EDUC, 2002.

PIERRE FATUMBI VERGER: mensageiro entre dois mundos. Produção de Conspiração Filmes. Rio de Janeiro: GLOBOSAT, 1998. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FyS53WkYyYI>> Acesso em: 02 abr. 2017.

DOREA, J. de C. **Etnografia e fotografia: reflexões sobre as fotografias etnográficas de Pierre Fatumbi Verger**. 2009. 234f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LÜHNING, A. (Org.). **Pierre Verger, repórter fotográfico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

---

PAIXÃO, R. dos S. da. **Acontece que são baianos**: das fotorreportagens de Pierre Verger ao desenho das páginas na revista *O Cruzeiro*, traçando os sentidos. 2015. 115f. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

ROLIM, I. C. P. **O olho do rei**: imagens de Pierre Verger. 2002. [S.f.]. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas - São Paulo.

VERGER, P. Acervo foto. 1958. 1 fotografia, p&b. Disponível em <[http://www.pierreverger.org/images/phocagallery/espaco\\_foto/portfolio/dieux\\_d\\_afrique/5441.jpg](http://www.pierreverger.org/images/phocagallery/espaco_foto/portfolio/dieux_d_afrique/5441.jpg)>. Acesso em: 2 abr. 2017

\_\_\_\_\_. Acervo foto. [S.d]a. 1 fotografia, p&b. Disponível em <[http://www.pierreverger.org/images/phocagallery/phototheque/amerique/etats\\_unis/new\\_orleans/thumbs/phoca\\_thumb\\_1\\_20118.jpg](http://www.pierreverger.org/images/phocagallery/phototheque/amerique/etats_unis/new_orleans/thumbs/phoca_thumb_1_20118.jpg)>. Acesso em: 2 abr. 2017

\_\_\_\_\_. Acervo foto. [S.d]b. 1 fotografia, p&b. Disponível em <[http://www.pierreverger.org/images/phocagallery/phototheque/amerique/bahia/salvador/carnaval/divers/thumbs/phoca\\_thumb\\_1\\_26623.jpg](http://www.pierreverger.org/images/phocagallery/phototheque/amerique/bahia/salvador/carnaval/divers/thumbs/phoca_thumb_1_26623.jpg)>. Acesso em: 2 abr. 2017

\_\_\_\_\_. Acervo foto. [S.d]c. 1 fotografia, p&b. Disponível em <[http://www.pierreverger.org/images/phocagallery/phototheque/amerique/bresil/bahia/feira\\_de\\_santana/thumbs/phoca\\_thumb\\_1\\_24398.jpg](http://www.pierreverger.org/images/phocagallery/phototheque/amerique/bresil/bahia/feira_de_santana/thumbs/phoca_thumb_1_24398.jpg)>. Acesso em: 2 abr. 2017

\_\_\_\_\_. Acervo foto. [S.d]d. 1 fotografia, p&b. Disponível em <[http://www.pierreverger.org/images/phocagallery/espaco\\_foto/portfolio/capoeira/26480.jpg](http://www.pierreverger.org/images/phocagallery/espaco_foto/portfolio/capoeira/26480.jpg)>. Acesso em: 2 abr. 2017

\_\_\_\_\_. Acervo foto. [S.d]e. 1 fotografia, p&b. Disponível em <[http://www.pierreverger.org/images/phocagallery/espaco\\_foto/portfolio/fluxo\\_e\\_refluxo/acaraje.jpg](http://www.pierreverger.org/images/phocagallery/espaco_foto/portfolio/fluxo_e_refluxo/acaraje.jpg)>. Acesso em: 2 abr. 2017

\_\_\_\_\_. Acervo foto. [S.d]f. 1 fotografia, p&b. Disponível em <[http://www.pierreverger.org/images/phocagallery/espaco\\_foto/portfolio/fluxo\\_e\\_refluxo/pescadores.jpg](http://www.pierreverger.org/images/phocagallery/espaco_foto/portfolio/fluxo_e_refluxo/pescadores.jpg)>. Acesso em: 2 abr. 2017

\_\_\_\_\_. Acervo foto. [S.d]g. 1 fotografia, p&b. Disponível em <[http://www.pierreverger.org/images/phocagallery/espaco\\_foto/portfolio/fluxo\\_e\\_refluxo/danca.jpg](http://www.pierreverger.org/images/phocagallery/espaco_foto/portfolio/fluxo_e_refluxo/danca.jpg)>. Acesso em: 2 abr. 2017